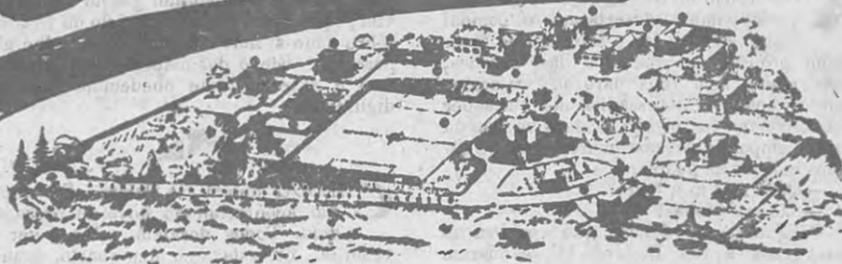




Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade—Casa do Gaiato do Pôrto—Paço de Sousa

DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares—7. Santa Catarina, 628-Pôrto

Faz agora um ano

QUE «O GAIATO» saiu de casa com a cesta no braço, e de mangas arregaçadas, começou a semear. Nem tôda; alguma ficou pelos caminhos, mas a maior parte da semente caiu em bom terreno e tem frutificado. O maltrapilho das ruas, já não é um desconhecido, como antes fôra. Nem nós somos hoje para êle, como antes eramos, uma raça abominada. A semente caiu nas almas. Saiu a tempo o semeador.

De uma vez chegou-nos um garôto, já muito adiantado na escola da rua.

Dormia ao relento nas areias de certo rio que banha certa cidade, e quando chegava o inverno, mudava de «casa»; era debaixo do beiral de um casarão pombalino. Estas são as infelizes creanças, que fazem uma patria desditosa. Estrelas apagadas em trajectória de

crimes e de doenças, até caírem na vala comum.

Nunca mostrou êste garôto a beleza dos seus olhos, de tanto olhar para o chão, quando se lhe falava. Um dia, chamei-o e disse-lhe:

—Olha que eu mando-te para a Tutoria.

—Mande-me para onde você quizer.

E o pequenino rufia virou costas malcreadamente, sem se magoar nem dar fé que magoava. Eu pertencia à «tal raça» abominável; ele era da «fauna desconhecida».

Hoje é o Maioral da casa do Pôrto. Indigitado para ir trabalhar nas oficinas do Peixoto Alves, onde ora está, perguntei-lhe:

—Quando te apresentas?

—Eu quero ir pela sua mão!

Saiu em bom tempo o semeador. A doutrina de «O Gaiato» tem aproximado os homens. Começa-se agora a amar.

Um todonadinha irreverente como sempre tem sido, «O Gaiato foge à ortodoxia social; não vai buscar gente de fora para fazer a festa. O artigo de fundo, que deveria, ser no dia de hoje encomendado a um «senhor doutor», é escrito por um dêles, para tornar cada vez mais fixa a côr da nossa bandeira: «Obra deles, por eles, para eles».

Nós vimos tratando de uma questão tão séria, que a não podemos deixar por mãos alheias. Nunca nenhum Deputado da Nação bradou tão alto nas Côrtes, como o faz hoje o pequenino vadio, a chamar às armas para o defenderem, e aos seus companheiros, aqueles portugueses que já há muito as deviam ter brandido, a bem dêles e da nação.

Vamos principiari um segundo ano da sementeira. Que as almas de boa vontade o recebam, como fizeram no primeiro—e isso nos basta.



O Sérgio
maioral da Casa de Paço de Sousa

ATENÇÃO

E' hoje à noite e outra vez amanhã de tarde e à noite, que eu vou ao Rivoli ver o Bom Pastor. E' durante o intervalo que eu vejo melhor a fita e que o publico me vê a mim...

Chegou a BOLA

Deu sinal o «Lisboa», que foi buscar o correio. Eu andava nas obras, justamente ocupado com a marcação do nosso futuro campo, a vêr quais e quantas oliveiras temos de derrubar, quando oiço tremenda vozeria: A BOLA! No telhado da capela, andavam, na maré, dois dos nossos carpinteiros; pois ao darem fé do que se tratava, tais gritos levantaram, que os cem trabalhadores largaram as ferramentas, para acudir. NÃO FOI NADA; É A BOLA! Vem do Pôrto, do mesmo amigo que nos deu a cessante. Obrigado, Carlos.

«O GAIATO» FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

FALAO

José da Rocha

Eu andava a pedir em Leça e dormia na prôa de um barco. Fui para Lisboa e andava por lá a pedir. Fui preso duas vezes lá em Lisboa por andar a pedir e estive na prisão dois dias. Andei com um cigano a vender fazendas mais êle dava-me muito pouco dinheiro e eu não quis saber mais dêle. Também fui para o Alentejo guardar porcos mas eu fugi de lá e vim para Viana do Castelo e daí fui para o Pôrto.

Pedia dinheiro para ir fumar e apanhava pontas do chão. Roubava pescadas e ia-as assar para a Casa Velha e dormia lá numa buraca. Ia para o Anjo e roubava fruta e ia para a estação de S. Bento à bagagem e pedia. Tinha 19 prisões. Arrombei uma montra de uma mercearia na Praça dos Poveiros porque tinha fome. Comi de lá chouriças, amendoas, biscoitos e no

outro dia fui para a bicha da brôa e desconfiaram de mim porque estava lá enfrente à montra e perguntaram-me e eu fiquei muito encarnado e desconfiaram de mim e levaram-me preso para a casa dos pobres e estive lá dois meses e meio e saí de lá e dormi num portal da rua Escura e um guarda deu lá comigo a dormir e eu tinha medo, fui dormir para o arco da Ponte de D. Luiz. Encontrei lá o Sape-gato e vim com êle e outro rapaz e dormimos na Casa do Gaiato uma noite e no outro dia fômos embora, e o outro fugiu com o bacalhau que nos tinham dado para nós. Agora estou na Casa do Gaiato e sou trabalhador do campo.

Este rapaz apareceu cá em casa, na companhia de outros dois da mesma laia, em uma daquelas noites frigidíssimas do derradeiro inverno. Tinhamos acabado a nossa refeição da noite e as sobras não

chegaram para êles, pelo que foi necessario sacar leite das vacas. Os cozinheiros migaram borôa dentro de tijelas de barro, enquanto uma fogueira fervia o leite e aquecia os estranhos viajantes. Deitaram-se sobre palha, que as camas estavam tôdas ocupadas, nem tão pouco podiam dormir nelas, sem o rigoroso banho do estêilo.

Dia fora, aproximei-me dos hospedes para lhes dar a noticia dolorosa de que não podiam ficar. Eu não posso mais, exclamou o José da Rocha. Fê-lo com tal assento, que não sei que me deu no peito e disse-lhe que sim. Ao depois ouvi e compreendi, assim como também hoje, quem lêr êste documento, fica a compreender.

Confesso que não escolhi êste depoimento para êste dia, mas estou muito contente, que em uma data solene do nosso jornal, apareça uma testemunha a depôr solenemente contra as deploráveis culpas desta civilização.

Para moles desta sorte, é que são úteis e necessarias conferências dos grandes, três ou mais. Enquanto houve debaixo do sol creanças sem familia, alugadas por feirantes e a dormir em buracas, não há Empório que se segure, nem Grandes que ajustem contas. Não há, que a Justiça fica de pé a pedi-las, inexoravelmente. Não pode prescrever. A ignorância do que se deve à creança, será sempre afectada; e a desculpa de que ela nada reclama, não passa na feira divina!

Noticias Diversas

A O contrário do que se esperava, as nossas pombas desertaram o pombal que se lhes fez e trataram de fazer ninho próprio nos recantos das paredes, onde muito bem lhes pareceu. Os nossos gaiatos andam interessadíssimos em saber dos esconderijos e não é raro ver um ou outro, empoleirado nos muros, com os ouvidos colados às pedras:

— Que estás aí a fazer?

— São pombinhas!

Os gaiatos do Pôrto, que residem na nossa casa à rua D. João IV, mandaram recado aos de Paço de Sousa, que também queriam pombas para lhes dar de comer! Dantes não era assim; a ponta do cigarro empanava-lhes os olhos!

NÓS temos a borra fechada. Se assim não fizéramos, seria a nossa desgraça e o desequilíbrio da economia nacional! Sai do forno direitinha para os armários do refeitório, transportada às costas dos 4 pequeninos refeiteiros.

O Zé Reis é o encarregado. E' ele o das chaves do nosso pão. Parte todos os dias, por quatro vezes, 75 fatias, consoante o tamanho e trabalho dos rapazes.

Ora n'isto, já existe muita beleza moral; o pequenino das ruas que ontem mendigava neias o pão negro da miséria, parte e reparte hoje aos seus companheiros o pão que nós fabricamos, com a nossa alegria maior: o nosso suor. Si este facto, por si, vale a obra Mas há mais. O Zé Reis é absolutamente invulnerável no seu posto. Não tem compadres nem amigos. Não aceita presentes. Não vale cunhas. Dá a cada um aquilo que lhe pertence e nada mais.

Eu tenho observado com os meus olhos pecadores, como o Zé Reis susta, a distin-

cia, o gesto de qualquer garoto mais atrevido, que tenta ir ao armário ou tirar de sobre a me-a, uma fatia de pão que lhe não pertença. Ele é dos mais pequeninos, sim, mas é extremamente obedecido, pela sua dignidade.

CHEGOU ontem «O Gaiato». E' sempre um acontecimento novo na nossa aldeia. Todos desatam a ler, a ver se veem lá. Eu estava no meu quarto, quando oigo bater a porta, desalmadamente: Era o José Machado o de Fafe.

— Eu venho lá.

— Aonde?

— No Gaiato.

— Vens nada.

— Venho sim senhor. Vem lá a falar em mim.

Prometi-lhe um pão dos que me deram em Viana, quando ele deixou de dizer as palavras do reportório que trouxe. Todos os dias o tenho à minha oeira: *olhe que eu já não falo mal. Pode perguntar a quem quiser.*

Era e ainda é deliciosamente refilão. Há dias, na revista da noite, foi-lhe dito que se fosse lavar melhor.

— Tens os pés muito sujos; vai-te lavar.

— Não vou.

— Vai, rapaz, diz a Senhora.

— Não vou, não vou. Mas não vou!

Não me engano nada em declarar que este garoto está entre nós para ser trave mestra da obra — a seu tempo.

O Periquito foi à Granja aviar um recado. Ele é natural de lá. Veio no comboio da noite. Entrou no meu quarto a dar contas do que fez e no final,

disse-me, muito contente: *sabe, as senhoras da Granja disseram que eu sou muito bonito!*

As senhoras, em regra, assim como são, também querem que os mais sejam. Vaidadezinha, e pouco mais. Os costureiros de alta costura é que sabem viver!

A TE aqui tomara-se cá em casa óleo de fígado de bacalhau e os rapazes estendiam o braço e davam a colher, resignados. Agora mudou-se para uma certa droga granulada, docinha como torrões de açúcar.

O enfermeiro aparece com o frasco no refeitório e imediatamente setenta e cinco braços se levantam com a colher — *aqui, aqui!*

O enfermeiro é um *anjinho*; ainda não deu fé do lugar onde está. Os rapazes já lhe descobriram o frasco e os mais atrevidos furam por debaixo das mesas, para serem os primeiros. Se não fosse o Sérgio, teríamos questões muito graves a registar.

MORREU o nosso único perú!

Não se sabe do que teria sido. Começa por ficar triste, muito triste, e um dia de manhã, ao abrir da capoeira, o Luiz deu com ele estendido. *Morreu o perú*, foi o prato do dia.

O Zé Machado passou a ser o guarda da mata e deixou as ovelhas ao Daniel. Larga de manhã cedo com uma ripa às costas disposto a deitar ao chão o primeiro atrevido que apareça. Ele tem 11 anos.

DO QUE NÓS NECESSITAMOS NA SUCURSAL DO PORTO

Uma ceira de figos do Algarve. Mais outra. Não esquecer que os da sucursal são meia duzia e os da Casa-Mãe são meia groza certinha, — e também morrem por figos!

Um pacote de café! Um senhor entrou ali, e deixou ficar mil escudos, de um recado que deram para nós e mais trezentos ditos, de um recado que ele mesmo nos quis dar. Muito obrigado, Alberto.

Outro Senhor entrou em nossa casa já de noite, e como desse pela falta de luz adequada sobre a minha mesa de trabalho, remediou o mal com um candieiro dos de sua casa. O mesmo Senhor deseja participar nas despesas do altar da capela da *Aldeia* e vai fazê-lo.

O *Senhor das botas*, levou a sua gentileza a querer vir almoçar conosco, no dia de venda de *O Gaiato*, para dizer ao Júlio que podia ir por um fato novo e ao Amadeu que fosse também pelas *botas*. Mais. Como quer que tivesse notado a ausência de cobertas nas nossas camas, logo remediou o mal com uma duzia delas. Oh! preciosos olhos!

Também chegou já ao nosso conhecimento que o tal Zé que ofereceu o relógio de parede, como aqui se disse, é o *sem mais nada*. de sorte que não existe aquela confusão de Zés que ao tempo se recitava. O *Zé sem mais nada* tem provado *eficazmente* ser um apaixonado da *Obra do Gaiato*.

Muito mais coisas deveria haver para juntar a esta nova coluna do jornal, que eu desejaria fosse uma coluna de amor; muito mais coisas. Porém, a presença de palacetes nas cercanias, faz-me perder as esperanças! E' a experiência que me ensina. Muros muito altos, janelas gradeadas, — a primeira voz que se ouve, ao bater, é a de um cão de fila! E marcam, em regra, pela distância, pela ausência, pelo não querer escutar!

Dá pena. Em regra, é assim, mas justamente por isso, há raras e preciosas exceções. Ainda há bem poucos dias, tomei eu chá num palácio de Lisboa, sem cão à porta, e ouvi a notícia de uma quinta oferecida à Casa do Gaiato do Pôrto.

QUEM SABE?

Dar informações de um pequenino moína que veio bater à nossa porta, cheio de qualidades... Diz chamar-se Gaspar. Aparenta uns 10 anos. Fala como quem conhece a Vila da Feira, Paços-de-Brandão, Espinho.

Mais diz não ter pai nem mãe e indica o lugar da Pena, freguesia de Boal, onde parece ter tido qualquer residencia.

Não sei se ele resolve ficar ou se continuará viagem, mas no primeiro caso, gostaria de saber quem ele é.

pelas esmolas que lhe dão, e quem a trata é uma vizinha que mora defronte dela. Agradecemos a todos os que se interessam por esta obra de visitar os pobres e mandarem alguma esmolita.

O Secretário—João Carlos Freitas.

O Cronista

JOÃO FREITAS

Do que nós necessitamos

Mais 500\$, de um visitante de Matozinhos, mais 100\$, de outro; de Oliveira do Hospital, mais 20\$, de outro, de Lisboa. Mais um cento de garrafas vãs de uma Empresa da Figueira da Foz, cujo dono me dera antes igual número delas para a Casa de Miranda. Será que este senhor tem costela de *Tripeiro*? Mais 500\$, de um amigo e admirador dos pintores Carlos e João Reis, para ser resada no dia 7 deste mês, na capelinha da Casa do Gaiato de Miranda, uma missa às 9,30, pelas almas do primeiro daquêles artistas e da esposa do segundo. E' o trigéssimo dia da sua morte. Mais 20\$, de um visitante, — são pedras que veem de longe para a nossa obra de restauração. Mais 20\$, de Viana do Castelo. Mais 20\$, nas ruas da Invicta e mais outro tanto idem. Mais duas moedas de ouro. Mais um pequenino fio de pequeninas pérolas e prata e ouro que alguém quis deixar na ourivesaria David Ferreira, à rua das Flores. Mais um Senhor que entrou na dita ourivesaria e pagou uma custódia de prata antiga que eu havia de pagar. Mais 750\$, que alguém deixou no Comando da Polícia do Porto, para a gente. Mais mil escudos por uma intenção que se prende ao dia 11 de Fevereiro. Mais no *Depósito* um pacote de roupa e mais um par de sapatos e mais um pacote de roupas.

Mais com sua licença um porco. Um porco gordo. Veio de caminheta, da cidade do Porto, de uma quinta *intra-muros*. Foi uma toirada!

Mais 250, em sufrágio da alma de Maria Joaquim Magalhães, de Cabovila, Lousada. Mais 100\$, de Lisboa. Mais 10\$, mais 10\$, mais 550\$ de Lisboa e disse.

Noticias da Casa de Miranda

CHEGOU mais um Senhor Padre para tomar conta de nós. Já há tempos que a gente andavamos a pedir a Deus para que o mandasse. No dia em que veio todos ficaram contentes. No dia seguinte houve missa cantada, ensinada pelo Senhor Joaquim e cantada pelos gaiatos. Cantamos também o *Veni Creator* e no fim o *Te Deum* em acção de graças. A tia Julia deu-nos um cabrito e tivemos chocolates e bolos que nos deu o Senhor Padre Américo. O Senhor Padre quando foi para o Pôrto também nos deu bolachas e rebuçados.

O Figueira é o que trata dos porcos e dos coelhos. Há tempo estava ele a lavar as pias e um porco calcou-o e ele começou logo a gritar a dizer muito alto: ah vocês pagam o bem que eu faço com o mal!

Ontem o carneiro foi para o pé da vaca por não se poder guardar e tem tanta força que ninguém o segura. Também maria muito.

A majedora do carneiro fica para o lado onde o Figueira tem a erva dos coelhos e depois o Senhor Joaquim deu um bocado de erva ao carneiro e ele começou logo a gritar — ai querem ver os meus coelhos mortos à fome! A erva custa tanto a apanhar que ele até têm-a escondida para a não darem.

O fogão que nós cá tínhamos era muito pequeno que nem levava as panelas tôdas. Agora o Senhor Padre Adriano comprou outro que parece um monstro. Tem dois depósitos; um de água fria e outro de água quente já está a fun-

cionar. Também dá a água quente para nós no inverno tomarmos banho.

O velhinho do Vale de Salgueiros tem estado muito pior. Teve de fazer uma operação às costas porque deita muito pús. Foi num carro de bois, até à casa do médico. Temos-lhe dado varios remédios, para as feridas. A tia Inocência também tem estado pior e quem a trata é uma Senhora Africana que mora ao pé dela. No outro dia caiu da escada abaixo com fraqueza. No domingo levamos-lhe pão. Disse que se não fosse aquêles pão que já não tinha mais nada para comer. Quando a gente entrou abraçou-nos, deu-nos beijinhos e disse bons dias netinhos. A tia Maria dos Cacos também está doente e disse que já há vinte cinco dias que está na cama e disse também que não pode comer batatas e por isso nós levamos-lhe açúcar. Ao velhito das Miãs levamos-lhe uma tacita de comer e pão. Ele às vezes vem cá comer a casa e a gente servimo-lo e vamos à mesa pedir pão e quasi todos os gaiatos dão um bocado. Dorme numa majedora tendo um monte de palha por baixo e o cobertor que nós lhe demos por cima e onde está a majedora é num curral. Disse que tem lá ratos que lhe comem a comida que lhe damos e disse também que tem estado pior da perna. Pediu-nos mais remédios que já compramos e lhe demos. Disse que não mata os ratos porque eles também querem viver. A tia Maria dos Cacos disse que a Senhora e o Senhor Padre Adriano estão vestidos e calçados no Céu

Assinaturas PAGAS

CARCA DE LISBOA

Venda do Jornal

Se hoje, dia em que O GAIATO faz um ano, quizesse dar os passos necessários e com eles dar contas, ó que linda colaboração!

- Maria Tenis Cachaldora de Alijó, 100\$;
- Maria Celeste R. Simões de Coimbra, 25\$;
- Dr. António Rodrigues Soares de Portalegre, 5\$;
- Joaquim Gomes dos Santos de Lisboa, 100\$;
- Alvaro de Almeida do Porto, 20\$;
- Irene Vieira do Porto, 20\$;
- Cantina Escolar de Rans, 50\$;
- Francisco Teixeira Romão da Covilhã, 25\$;
- Afonso Lares de Anadia, 20\$;
- Josefa Seixas de Pinhel, 50\$;
- José de Oliveira Pais de Paços de Brandão, 100\$;
- Maria de Lourdes C. Artur, Cacilhas, 20\$;
- Margarida Pinto Bastos e Almeida de Lisboa, 25\$;
- Maria Madalena Pinto Bastos d. Lisboa, 25\$;
- Ana Maria Moniz de Lisboa, 25\$;
- José Alves de Castro de Seia, 50\$;
- Ourivesaria Invicta do Porto, 30\$;
- Maria de Portugal Branco de Lisboa, 50\$;
- Dr. António de Lucena de Lisboa, 20\$;
- Maria Fonseca do Porto, 20\$;
- Menina Olga Maria S. Cruz de Alverca do Ribatejo, 5\$;
- José Pedro Klein de Menezes e Lemos de Gaia, 30\$;
- Artur Vasconcelos da Mota Freitas do Porto, 40\$;
- P. Domingos da Silva de Costêlo da Maia, 50\$;
- António Rodrigues Duarte da Curia, 25\$;
- Alfredo de Mendonça David de Lisboa, (1944-45) 50\$;
- António Moreira de Vasconcelos do Porto, 50\$;
- Dr.ª Maria Irene L. da Costa de Lisboa, 50\$;
- Menino Gabriel M. Brito do Porto 50\$;
- Fernando Zamith (1944-45) de Coimbra, 50\$;
- António d.s Neves Graça. Júnior do Porto, 100\$;
- Margarida Vaz M. de Matose Silva de Ponte de Sôr, 100\$;
- Amílcar de Pinho e Melo de Agueda, 30\$;
- Maria Jenoveva C. da Silva de S. João da Madeira, 20\$;
- António Mateus P. Portela do Porto, 20\$;
- Manuel Vieira de Araújo de S. João da Madeira, 50\$;
- P. Eugénio Martins de Coimbra, 50\$;
- Maria Helena Meira Maia de Montemor-o-Novo (1 trimestre), 5\$;
- Maria M. da Silva Loureiro da Figueira da Foz, 25\$;
- Antónia Gomes de Braga 50\$;
- Alfredo Júlio de Oliveira do Porto, 30\$;
- Manuel Augusto Marques do Porto, 30\$;
- Cláudio António Monteiro do Porto, 30\$;
- Diamantino P. dos Santos de Ermeizinde, 30\$;
- Carlos Pereira do Porto, 30\$;
- Maria Teresa R. Espinho Rodrigues de Vilar Formoso, 20\$;
- Antero Lopes da Fonseca da Figueira da Foz, 50\$;
- Maria do Céu Ferreira Valente de Coimbra, 30\$;
- Meninas Scabra Barata de Aveiro 50\$;
- Dr. Alberto Rêgo de Cíão de Couce, 50\$;
- Escolas de Chão de Couce, 50\$;
- Escola Primária da Pedra do Ouro, 50\$;
- Escola Primária da Serra do Marão, 50\$;
- Escola Primária da Ameixoeira, 50\$;
- Palmira Alves Pessoa das Neves de Cantanhede, 50\$;
- Félix Moura de Braga, (1 mês) 5\$;
- Maria da Eucaristia de Lencastre, 50\$;
- Alberto Augusto Serra de Rio Tinto, 100\$;
- João Correia do Porto, 50\$;
- Odete Leal de Faria de Lisboa, 50\$;
- Amélia A. Ribeiro Alves Pereira de S. João da Madeira, 12\$5;
- Rosália Reis de S. João da Madeira, 12\$5;
- José dos Reis de Paço de Sousa 20\$;
- Filomena Pereira Inácio de Baltar, 50\$;
- Maria Emília de Albuquerque Pinho de Albergaria-a-Velha, 25\$;
- Estela Maria A. S. da Cruz de Agueda, 25\$;
- Júlio Fonseca Ferreira do Bombarral, 20\$;
- Manuel da Costa Marques do Bombarral, 20\$;
- Aida Gomes da Conceição de Odivelas, 25\$;
- Inácio Chaveiro de Odivelas, 25\$;
- Lida Gonçalves Vieira de Odivelas, 25\$;
- Maria da Conceição Anachoreta de Odivela, 25\$;
- Menino Alberto Manuel F. Figueiredo do Bombarral, 20\$;
- Belmiro António da Silva de S. João da Madeira, 20\$;
- Maria Apolónia da C. Dias Neves de Fortozendo, 20\$;
- Alfredo da Costa Teixeira de Braga 15\$;
- Firmino da Cruz M. Ribeiro de Braga, 15\$;
- Maria Amena R. Vieira de Carvalho de Braga, 30\$;
- Ana Tavares Estima Rezende (2 anos) de Espinho, 50\$;
- Fernando Ferreira de Moura de S. Mamede d. Infesta, 50\$;
- Henrique Coelho da Rocha do Porto, 50\$;
- Dr. José Maria da Silva do Porto, 100\$;
- José Bessa e Brito do Porto, 40\$;
- António Salvador Nóro do Porto, 25\$;
- Manuel Teixeira de Paredes, 20\$;
- António Pinto de Freitas do Porto, 50\$;
- Artur Martinez do Porto, 20\$;
- Alda Andrade Ventura do Porto, 20\$;
- Abílio Bastos de Braga, 20\$;
- Belmiro Teixeira da Rocha de S. Gens, 20\$;
- Francisco Parada do Porto, 50\$;
- António Lopes da C. Magalhães da S.ª da Hora, 20\$;
- Raquel da Silva Braz de S. Romão do Coronado, 20\$;
- Jaime de Carvalho Pires da Vila Nova de Poiares, 99\$;
- Maria Augusta Correia Mexia de Matos Machado de Silves, 20\$;
- A. F. Gomes, (por uma Colecção) de Lisboa, 500\$;
- Dr. Fernando Castelo Branco d. Lisboa 100\$;
- Maria Teresa Salgado do Bombarral, 15\$;
- Gaspar Guimarães Menezes de Alentim, 20\$;
- Dr. José T. da Mata de Tomar, 50\$.

« O ARDINA »

Suplemento do "Gaiato" feito por ardinias, para os ardinias, gaiatos e... grandes! Na "Casa do Ardina" Calçada da Glória, 39 Lisboa

No domingo 11 de Fevereiro quando entrei na casa estimada e conhecida por «Casa do Ardina» tive o prazer em ouvir dizer, qual raio de sol penetrando entre os seus vidros, a boa noticia que bem breve ia abrir uma nova conquistadora de almas, que é uma nova «Casa do Ardina», um novo lar que dá de comer a quem tem fome não só de pão, como de doutrina cristã e educação moral, que é tão necessária para os ardinias desperdiçados e tão necessária para nos fazer gente no dia futuro.

João Marques Pereira—13 anos.

Versos do nosso officio

A comer com todo o afan
Desgalgado sem parar,
Mal chega a manhã
Toca logo a apregoar:

Quem quer comprar
O Diário Popular?
Vão gritando os vendedores
Sempre com medo aos policias
E aos malvados condutores.

A girar no corrupio
O caminho é só p'ra frente
Faça chuva, faça frio,
Ninguém tem pena da gente.

Serafim Gomes—14 anos.

O que eu penso do cinema

Quem anda constantemente no cinema pode ser a sua desgraça pois que no cinema aprende-se coisas boas, mas também se aprende coisas más. Por isso só se deve ir ao cinema de vez em quando, e não se deve ir ver filmes de que façam parte gatunos, assassinos ou coisas indecentes.

Aparicio Martins—14 anos.

NOTICIÁRIO:

Grupo do «Trabalho»

O trabalho tem sido bem feito, menos o de Carlos Alberto. O Fernando da Conceição também se tem importado pouco. Agora, o João Maria precisa perder o costume de ir provar a comida à cozinha...

O chefe: António do Carmo 15 anos.

Grupo da «Caridade»

Temos mais um rapaz entrado há pouco. Chamamos-lhe o «Pôrto», por ser do Pôrto. E' o Albano Mendes Pinho. Choraminga volta e meia, por isso todos se metem com ele...

O chefe: Adelino Sousa Marques 15 anos.

Grupo da «Verdade»

Entre há pouco no posto de chefe. O que eu sei dizer do meu grupo é o seguinte: Não são malcriados, nem desobedientes. Estou contente.

O chefe: Serafim Gomes—14 anos.

Grupo da «Pureza»

Entraram dois novos: o Jaime e o António Jorge. O Manel anda sem juízo... O Anibal, eu e o António Jorge damo-nos muito bem e andamos

sempre juntos a vender os «Gaiatos» e moramos no mesmo páteo.

Vamos a ver se o Fernando e o Armando Rocha se passam a portar melhor nas aulas, a serem uns bons ardinias na nossa «Casa do Ardina».

José Carlos de Jesus—11 anos.

Director: José Maria Valente Nunes—14 anos.
Editor: António do Carmo—15 anos.
Redactor: Serafim Gomes—14 anos.

Para terminar...

Não sei se comprehendes o ardina tal qual é e escreve...

Há um certo tom de fado nos seus versos, muito lirismo na sua prosa, mas já há uma compreensão das coisas e do seu valor, graças a Deus! Junto a minha voz à deles—a pedir, a pedir para... eles!

A pedir e a... agradecer!...

Sua Ex.ª o Sr. Ministro das Finanças cedeu-nos uma casa do Património do Estado para ali abrimos a segunda «Casa do Ardina», numa compreensão inteira, generosa do problema do ardina.

Confundi-nos com tanta caridade... Jámais esqueceremos, nem os ardinias, nem nós.

Agora precisamos de fazer obras, mobilar a casa, etc... E passamos a esperar de todos os de boa-vontade o sustento de duas casas, em lugar de uma... Esperamos as adesões generosas de todos na «Casa do Ardina»...

Maria Luísa.

UM ANUNCIO

O menino faz hoje um ano; ocasião unica para lhe dar um presente.

A maquina de costura. A furguneta. A bicicleta para pernas de 12 anos. Tudo nomes de cartaz, ofertas qualificadas, prendas de categoria.

Quem há aí que levante o dedo e diga que sim?

Um pequenino e respeitoso clamor

Tem acontecido com certa frequência, aparecer às nossas portas, com desejos de ficar, o clássico garoto de terras de ninguém; do qual mais tarde se vem a apurar, que o dito vadio tem processo formado nos Tribunais de Menores. Já se contam pelos dedos da mão os casos desta sorte. Na adóável baralhada e preciosa confusão que sempre se levanta entre os nossos, perante o que vem de novo, ninguém se lembra de lhe perguntar coisas tristes; nem tão pouco se lhes imputa a culpa dos delictos. As deprecadas veem depois, pela mão do official de diligências, conforme mandam as leis.

Ora eu tenho necessariamente de obedecer à autoridade constituída, sobretudo à autoridade judicial.

A justiça, no conceito que dela faço, tem senhoria. Tenho de obedecer e cumpro. Seria a desordem dentro de mim, se o não fizesse. Mas, este acto de obediência interior, representa uma grande desordem nas nossas comunidades. Os juizes, muito naturalmente, esperam que os Menores chamados à barra, sejam acompanhados pelo director da casa ou o seu representante, sem falar noutras interferências que às vezes aparecem. Já apareceu, até, a sentença de uma pensão coerciva, a um garoto que nos

No sábado, partiram de Paço-de-Sousa para a sucursal, o Amadeu e o Oscar e o João, e o Augusto os quais se juntaram ali ao Júlio e ao Luciano, um estudante e o outro serralheiro, subditos da nossa nova residência. Eram 4 da tarde, quando os seis saíram de casa, com setecentos números. Regressaram pelas sete e quê, limpinhos. Já nos conhecem, disse o Amadeu. Este trouxe 52\$00 de acréscimos. O Oscar, trouxe 36\$00. O Luciano, 25\$00. O Júlio 50\$00, e vendeu 200 jornais. O Augusto, entregou 35\$00 de acréscimos. O João, trouxe 20\$00. E venderam livros e angariaram assinaturas novas, e receberam o dinheiro de velhas, e trouxeram ordem de ir buscar coisas a diferentes casas.

Viram e foram vistos, falaram e escutaram-nos, deram de comer aos Pobres, concitaram amor, fizeram obra social à moda das catacumbas, quando a sociedade era feita de christãos. No dia seguinte, domingo, de novo saíram de casa os pequeninos semeadores com 500 jornais, e às tantas ficaram limpos. Mais acréscimos, mais notícias, mais assinaturas, mais tudo; Já nos conhecem!

Como se pode amar o que se não conhece?! O Porto, ontem, não conhecia o garoto da rua. Não o amava. Hoje não é assim! Oh! Pais e Mães do Porto; apertai ao peito os vossos filhos. São vossos. Mas ajudai-me para que eu possa fazer o mesmo a estes. São meus.

Os que foram a Paredes venderam 60 Gaiatos e trouxeram uma assinatura.

veio ter a casa! Ora isto seria a nossa ruína. De onde me havia de vir a coragem de mendigar para a obra?!

Sim. Tem havido desordens que o caracter particular da obra não pode suportar. Somos gente de trabalho. Não temos director que vá ou mande acompanhar o Menor à presença dos juizes.

E aqui é, precisamente, onde vem o meu respeitoso clamor: como «O Gaiato» é a voz da «Obra da Rua» e eu sei que ele chega à Arcada, desejava que o nosso Ministro da Justiça tivesse pena de mim e assentasse em uma das seguintes disjuntivas: Ou os Magistrados, ao saberem que os «delinquentes» se encontram abrigados, fazem os processos conclusos—ou mandam que se apresentem no Refúgio das Tutorias, para fazerem o que a lei dispõe, e desta sorte terminam os meus trabalhos.

Gosto muito da justiça. Daria a vida, estou dando a minha vida por ela. Tenho fome e sede. Sou capaz de ir muito longe para dar pão e luz a estes estrangeiros. Porém daquela sorte de justiça que vem escrita nas deprecadas, exigida mais pela letra dos processos do que pelo bem dos abandonados—por essa, não faço nada.

CRÓNICA

DA NOSSA

ALDEIA

PELO JOSÉ EDUARDO



DOCTRINAS

SOCIAL

Crónica da Casa do Pôrto

JÁ recebemos uma ceira de figos que são muito bons. Quem dera mais porque são eles que têm sido a nossa merenda. Uma ceira de figos para 72 rapazes não é nada. Agradecemos muito a quem nos deu essa ceira.

III

TEMOS uma galinha que tem 11 pintainhos e quem trata deles é o Lisboa da mesa. O Sr. Padre Américo prometeu-lhe se ele tratasse bem deles e não deixar morrer nenhum come ao lado direito do Sr. Padre Américo e recebe como prêmio um pacote de chocolates.

III

JÁ apareceram os meus sapatos um era a Prêta que o trazia outro era o Alfredo do campo. Até aí não podia ir ao Pôrto porque não tinha calçado mas agora já posso ir porque eles á apareceram. Um foi o Augusto e o Oscar que deu com ele outro foi o Zezito de Oliveira de Aze-meis.

III

JÁ temos um enfermeiro que trata dos rapazes que estão doentes. Cá em casa anda quasi tudo atacado da gripe. Saem uns da cama já curados entram logo outros já doentes.

III

A Socursal do Pôrto já abriu. Foram para lá os seguintes: Luciano, serralheiro que anda a trabalhar numa oficina no Pôrto. Fernando, cozinheiro. Mario, das mesas. Rui, que varre a casa. Ainda vão para lá mais rapazes. Esquecia-me de um que é o Júlio que anda a estudar no curso comercial.

III

JÁ temos outra galinha choca, vamos a ver se nenhum dos pintainhos desta saem mortos. Da outra que já os chocou não morreu nenhum, foram 11.

III

JÁ andam a abrir as gaivas para plantar limoeiros, videiras, tiliás, etc. Já estão muitos limoeiros plantados e andam a fazer uns resguardos de madeira para não os quebrarem.

III

JÁ temos uma Grafonola que uma senhora Brasileira nos deu. Ela disse que ia para uma terra onde havia muitas, por isso deu-nos aquela. A terra para onde ela ia era para o Brasil. Agora o que precisamos é de discos porque temos poucos. Os que temos são Portugueses, Brasileiros e Espanhois.

P. S. — Sim; temos uma grafonola, infelizmente. Não quero mal nenhum á «Senhora Brasileira» que no-la trouxe, mas nem ela sabe o mal que me fez! Nunca mais houve paz em nossa casa. Os refeiteiros colocaram o instrumento sobre uma mesa, ao fundo da sala, e põem-na a trabalhar durante as refeições. Eles são quatro. Cada um põe o seu disco, enquanto os outros servem. No final, acodem todos. Os mais pequeninos espreitam, a ver quem está lá dentro! Alguns de-liram. O «Casaldéu», que veio de uns saltimbancos, marca compaço e dança até cair redondo. Só por graça de Deus, pode alguém, sendo velho, azer-se novo; e eu tenho de ser assim!

CHEGOU a hora de redimir por amor as creanças perdidas nas ruas e nos caminhos, as multidões de pequeninos indigentes, sem nome e sem país, cheios de feridas, de farrapos e de vícios. Temos hoje casas deles, feitas para eles, conduzidas por eles. Temos uma em Miranda do Corvo, desde 1940, e agora levanta-se em Paço de Sousa uma formosa aldeia para 250, onde já se encontram setenta farrapões de ontem, a colher o doce fruto da vida que merecem. Eles são os senhores em sua própria casa, obedecendo em tudo a um pequenino chefe, para quem olham como se fôra o irmão mais velho. Nós repudiamos absolutamente os velhos sistemas de regulamentos, de pautas, de uniformes, de funcionários, de orçamentos, de tudo quanto é propenso a criar revoltados na sociedade, em lugar de portugueses de lei.

Dentro de uma adorável desarmonia, os nossos pequenos cultivam uma quinta de 28 hectares e colhem os seus frutos, alegremente. As melhores companhias que lhes podemos prestar, são as vacas, os bois, as ovelhas, as aves domésticas, o germinar das coisas, o céu coberto de estrêlas, a mesa bem posta, a sopa bem feita. Neste ambiente sagrado de lume na lareira, vai-se embora o palavão, as saúdades das ruas, o tédio das pontas do cigarro, o esquecimento dos vícios—e crescem as virtudes naturalmente, por convicção interior.

O Pôrto! a cidade do Pôrto tem marcado presença. A construção da Aldeia, tem encontrado na boa vontade dos tripeiros, um valioso auxilio. Um senhor anónimo, deseja custear tôdas as despesas do edificio da enfermaria. Nós temos no plano geral uma enfermaria com tudo quanto lhe diz respeito, para cuidar seriamente das feridas com que estes pequenos nos chegam á porta. Um outro senhor, igualmente anónimo, tomou á sua conta as despesas da capela, a qual já está muitissimo adiantada. A nossa aldeia tem uma capela. Nós acreditamos na moral do Decálogo, e só nesta. E' inútil pensar-se que possa haver homens de bem, sem serem portadores de uma consciência delicada. E' inútil julgar que haja no mundo consciências delicadas, sem a prática dos mandamentos divinos. Nós queremos uma capela. Nós já temos a capela. Um terceiro anónimo, deu-me cem contos para a construção do edificio das oficinas. Todos estes senhores são do Pôrto, e falam a linguagem do Pôrto. A nossa aldeia pede oficinas. Nós acreditamos no trabalho como única fonte de riqueza social e verdadeira defesa da miséria. O trabalho é o património legitimo de todo o homem que vem ao mundo.

Falta-me o edificio das escolas. O plano geral, pede escolas. No lixo humano das ruas, encontram-se sublimes inteligências que são amanhã armas terríveis contra nós, precisamente porque as deixamos crescer e desenvolver na escola da rua. Eu já tenho pequenos a tirar cursos superiores, em Coimbra e no Pôrto. São brilhantes que eu desejo lapidar. O nosso sistema de casas do Gaiato, supõe e pede que os verdadeiros continuadores da Obra, sejam escolhidos na própria massa da rua. Estas crianças, afeitas ao solavanco e aos scfrimentos, são capazes de grandes sacrificios. Por isso mesmo, aqueles que já hoje se encontram em escolas oficiais, espera-se que venham redimir e orientar mais tarde os pequeninos. Queremos o edificio das escolas, e temos a certeza de que a seu tempo, alguém do Pôrto há-de levantar a mão, e marcar presença.

Eu tenho levado a minha voz aos quatro cantos do país. Tenho afrontado todos os sacrificios, estendido a mão nos hotéis e nas praias e nos pulpitos e nos teatros—e hoje estou aqui, a bater á porta do coração de todos quantos me escutam, que é justamente aquela que mais facilmente se abre.

Pode cada um enviar os seus donativos para o número 54 da rua dos Clérigos, que é o Espelho da Moda.

Em nome e para o bem de um Porrugal mais feliz. Por amor das vitimas inocentes da rua, que teem direito indiscutível a um lugar á mesa, com talher completo, espero que ninguém regateie o momento que passa e dê sem arrependimento.

Chegamos ao fim das palestras, com esta que se fez naquele dia, ao posto emissor da Radio Club. Os ouvintes dêste e dos outros postos aonde então se falou, estavam todos em casa e disseram que sim; deram o recado na ocasião. Houve um, não se sabe quem, que foi dá-lo no dia seguinte ao Banco Espírito Santo. Já lá foram perguntar quem tinha deixado os 50 contos. Ninguém soube dar, sinall As esmolas silenciosas são monumentos. A Caridade tem o seu quê de pudor. E' mesmo por êle que se avalia das suas obras e dos seus frutos.

Donativos desta sorte, qualquer que seja a sua importância, trazem consigo a sigla do respeito que se lhes deve. Um Senhor de categoria, esteve há dias no Pinheiro Manso, a ver os Velhos que as Irmãzinhas dos Pobres zelam, e ficou espantado: colchas de cama feitas de bocadinhos, tantas, tão formosas,—exclamava!

E' o respeito pela esmola, que opera estas maravilhas. Não á maravilha das mantas; são farrapos. A maravilha das almas, feridas pela irradiação da própria Caridade!

Desde os carismas das idades apostólicas até aos nossos dias, a Caridade foi sempre isto: irradiação de vida. Ail que se nós respeitássemos tanto o Pobre como a esmola que se pede para êle ou em seu nome, seria o caminho aberto para á justiça social. Mas não. Não atinamos. Esbanja-se á toa o que se pede para os Pobres! Eu sei de uma terra onde se comeram dezasseis contos de pasteis e o mais, numa festa para os pobres, no que não haveria, de resto, mal nenhum; eu também como quando calha e gosto imenso deles. O mal está na injustiça que se praticou naquela terra, por causa daquela festa, em não ter dado aos Pobres o que para eles se angariou. Aqui é que está.

FAZ hoje um ano o nosso «Gaiato», é um dos jornais que mais agrada aos seus leitores. Oicamos o que dizem alguns senhores para outros que não conhecem a nossa Obra: «compra êsse jornal que é bom lêr o que êles fazem na Casa do Gaiato» e o senhor para não ficar mal, compra.

Já cá estamos, cinco nesta. No dia da inauguração não foi preciso cortar a fita nem deitar foguetes, nem beber champagne, fizemos a nossa festa com um prato de bacalhau com batatas, vejam como humildemente se inaugurou também a Casa de Paço de Sousa.

Só temos as camas e algumas das coisas mais precisas. Precisamos que venham vêr o que falta, venham sem arrependimento.

O primeiro a dar um objecto foi o «Zé sem mais nada», deu um relógio. Passados dias apareceu outro, nós já não queremos mais relógios, já chega. Neste domingo que passou veio cá almoçar o «Sr. das Botas», disse que nos ia oferecer colchas para as nossas camas. Andamos na limpeza da casa.

Temos um grande quinta, que o Sérgio e mais algum o hão-de vir cultivar e depois também vai ter um jardineiro.

Vão-nos dar pombas e vamos mandar fazer um pombal em Paço de Sousa algumas já têm borrachos, nós também cá havemos de ter.

Vamos ter um jogo de ping-pong. A mesa nos dias do jornal serve para nós o dobrarmos. Eu e o Luciano fomos ver o futebol. No domingo á tarde estive o cozinheiro, o refeiteiro e também o Rui, a jogar a bola no nosso quintal.

Precisamos de raquetes para jogar ping-pong, e umas bolas para quando uma se partir já ter outra.

O Luciano já começou a trabalhar na oficina, na arte de serralheiro.

O Rui é o das limpezas de casa, o Mario é o refeiteiro, e o Fernando é o cozinheiro.

Precisamos de figos ou maçãs para as nossas merendas.

Um senhor do Pôrto deu nos um rádio e muitas escovas de dentes. Que boa coisa; já podemos ouvir o relato do futebol.

JULIO.

Pobres de Cristo

Continuamos a fazer a nossa visita aos nossos pobres. O de Bairros continua a vir cá buscar a esmola e ás vezes come cá.

O do Assento também costuma agora vir cá buscar a esmola. Vem da parte de manhã á hora das papas e ás vezes nós damos-lhe também do nosso. Ainda não receberam a roupa que me pediram.

O de S. Lourenço ainda não recebeu a cama nem os talheres. Nem que sejam já usados não faz mal o que êles querem é com que comer o caldinho. Não recusem dar-lhes o que êles precisam porque são muito necessitados.

O secretário José Eduardo

ANO
Fotografia
trina
tempo
Hoje,
o qu
de un
Eu
mana
aque
de di
destir
Perco
pela
tilmer
vez n
lista
todos
mente
si, só.
liar
Fogue
muito
cadin
Cerra
uma
outra
tos,
22\$00
e Fot
d.res
mais.
mas
com
Os E
ram
A
tinha
máqu
teress
nenhu
via o
trada.
dois
samei
zé n
Cristo
Isto
dustri
Dia
Vacu
própr
dasse,
a br
ros,
lista,
o que
do Ga
balha
de ou
coisa
que se